



FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). Encontros e Desencontros da Didática e da Prática de Ensino. São Paulo: Cortez, 1988. Cadernos CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade), v. 21. 76 p.

Aproximação e Distanciamento em Movimentos Circulares:
Conhecimento em Construção

O caderno CEDES Encontros e Desencontros da Didática e da Prática de Ensino, tem a intenção de desvelar caminhos pessoais de um grupo de colegas, em busca de um coletivo maior. A temática central é a didática relacionada à prática de ensino, nos espaços teóricos habitados por cada um. Propuseram-se a denunciar erros e a revelar possibilidades. Dois encontros efetivaram o seu processo gestor. Um ocorrido três anos antes dessa edição, após o III Encontro Nacional de Prática de Ensino, quando participaram de um seminário na PUC/SP, organizado por Fazenda, com a finalidade de apresentarem subsídios ao IV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Cita José Carlos Libâneo, Yara Boulos e Ana Maria Saul que também tinham intenções de discutir questões comuns à didática, prática e currículo. Esse trabalho não se efetivou devido a outras prioridades. Após dois anos, nova aproximação, agora com Ivany Pino, no IV Encontro acima citado. Surge a idéia deste caderno. O desafio envolve outros professores de cursos de Pedagogia ou Licenciatura, que se entusiasmaram com o projeto e apresentam seus textos. Heloisa Dupas Penteadó, em Professores de prática pensando a didática, considera que a disciplina "práticas de ensino", reúne na ação educativa, especialistas de diversos campos científicos e que teoria e prática, na situação concreta dos cursos de licenciatura são marcados pelo retalhamento do saber, imposto de forma autoritária nas condições de trabalho. Ao mesmo tempo, indica sintomas de saturação dessa situação, e cita como exemplos as atividades integradoras que se esboçam em eventos e são socializadas através de publicação. Inscreve sua prática nesse contexto inovador, reconhece nela três grandes etapas que lhe revelam como construir o curso com os alunos, através de decisões conjuntas. Seu movimento iniciou com os alunos, ao fazerem a crítica dos próprios cursos. Ela identificou a discrepância entre a apreensão do que desejavam e a inoperância diante da oportunidade de mudança, dentro da atividade racional que se propunham. O seu papel de professora voltou-se para a liberação da iniciativa e espontaneidade dos alunos. A terceira marca, foi decorrente dessa ação, pois lhe revelou o significado da imagem nos processos pedagógicos. Apresenta projetos diversificados, com a ação comum de acionar o saber e a necessidade dos alunos. Conclui que a postura em educação, nessa perspectiva, foi ampliada, a aprendizagem passou a ser concebida como processo amplo, que se dá ao longo da vida do aluno, e a escola deve "oferecer-lhe critérios para desenvolvê-lo de maneira organizada, sistemática e não-caótica". Ivani Catarina Arantes Fazenda, em A busca de identidade numa prática de ensino, revela como tem conduzido os encontros e desencontros da didática e da prática de ensino em seu fazer diário, que soma vinte anos. Ressalta ao mesmo tempo a identidade da prática de ensino enquanto disciplina e a identidade dos educadores. Explica-nos que essa disciplina tem como objeto, o real que não é fixo e sim transitório, relacionado com o ser que o constrói, um ser que pensa e muda. Também salienta a composição inadequada da grade curricular que determina o desenvolvimento dessa disciplina no terceiro ano do curso de Pedagogia. Nesse período, os alunos, alguns já em ação em salas de aulas, querem

respostas para todas as suas problemáticas, não resolvidas pelas teorias já estudadas. Indica o estágio como desafio na busca de propostas alternativas e a utilização de uma didática que trate do real, através do resgate das vivências em salas de aulas onde atuam, ou onde estudaram, através do recurso à memória. Esse processo envolve o falar mas também o escrever, e nessa fase, voltam-se à teoria e aos conceitos, antes desconexos pela abordagem fragmentada, agora possíveis de serem apropriados. Nas escolhas, descobrem sua identidade e definem-se como profissionais da educação. Fazenda testemunha esse processo através da co-edição do livro *Tá pronto, Seu Lobo? – Didática/Prática na Pré-Escola*, em que os registros dos alunos foram transformados em registro coletivo. Acredita que podem tornar-se autores também do processo educativo e libertarem-se do estigma determinado pela condição social e política.

A autora também tem buscado lacunas em sua formação, identifica-as como impasses. Para ela, a sala de aula representa o momento intelectual em que nos encontramos. Recorre à própria trajetória profissional que se tem dinamizado através de imersões na teoria. Afirma que é preciso buscar caminhos e formas novas de pensar e fazer a educação.

Mariná Holzmann Ribas e Leide Mara Schmidt em *Didática: ser ou estar comprometido*, reflete sobre o processo educativo na atualidade e tem como certeza que este deve se desenvolver para o “aqui” e o “agora”, que possibilite respostas às necessidades individuais e sociais do educando. Identifica o professor como agente-meio do processo educativo, e propõe que a ele cabe o discernimento sobre os fenômenos e a sua aplicação, através do estabelecimento de parâmetros entre o real e o ideal, entre teoria e prática. A Didática tem como objeto de estudo o processo de ensino e aprendizagem, o processo educativo.

Intenciona, concomitantemente, obter a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da habilidade e a adoção de atitudes mais adequadas ao desempenho do ser humano. Exige contribuições das diversas ciências. Portanto, para o desempenho do seu papel, o professor precisa refletir sobre a sua prática e, a didática, oferecer-lhe elementos para essa análise, o que a coloca em inteira relação com as ciências que a servem (Psicologia, Sociologia, Biologia e Filosofia). Do educador é exigido o comprometimento com o processo educativo, entretanto, a autora revela que os diplomados mais recentes parecem alheios a estes aspectos, embora apresentem um discurso que os ressaltam como importantes. Termina seu texto com questionamentos sobre essa constatação.

Marisa Del Cioppo Elias em *A busca do caminho da prática de ensino*, tem como desafio, por ser professora de Metodologia e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na escola de terceiro grau, reelaborar a teoria trazida pelos alunos, estudada nos dois primeiros anos do curso de Pedagogia. Através da prática pedagógica por ela vivida, próxima à experiência de magistério junto às escolas de 1º e 2º graus, identifica como potencial do estágio, seu poder de ligar institucionalmente, o 3º ao 1º e 2º graus, através da observação da realidade do ensino e ao se concentrar nela, pesquisar essa realidade no País. Enumera algumas experiências que tem realizado nesse sentido e, firmada nessa base, abre questionamentos sobre a importância que o estágio supervisionado tem recebido. Considera-o como “centro” do curso de Pedagogia, pois permite que a informação teórica seja analisada, discutida e ampliada na realidade da sala de aula. O papel do professor de prática de ensino deve ser o de preparar seus alunos-mestres para atuarem com crianças e adolescentes nas escolas de 1º e 2º graus, em nossa sociedade e em nossa cultura, no contexto dinâmico do desenvolvimento social. O estágio como elo entre teoria e prática, indicará a inovação criativa, de interferência com vistas à mudança e à qualidade de ensino; formará o educador com o domínio dos conhecimentos específicos e pedagógicos.

Marli E. D. André em *Dominação e resistência no cotidiano escolar: uma introdução*, detém-se primeiramente na análise dos problemas que têm se destacado no contexto escolar, manifestados pelo enfoque meramente instrucional. Ampliar essa perspectiva, explora possibilidades de análise, conta com parceiros para a possível interpretação. Enfoca três vertentes das abordagens denominadas reprodutoras que valorizam a natureza determinante do Estado ou das forças político-econômicas na teoria e na prática de ensino, que têm uma ideologia (conservadora e liberal) de educação. Classifica-as e apresenta reflexões no texto sobre cada uma delas, o que têm em comum e em que diferem. Baseada em parceiros autores, reflete sobre um modelo de reprodução no qual a dominação da classe trabalhadora é vista tanto como resultado do capital quanto da dinâmica de autoformação da própria classe trabalhadora. Revela que esses estudos representam uma contribuição importante para o desvelamento das descontinuidades e tensões de espaços sociais, como as escolas. Também o enfoque sobre a cultura vai além da análise estática do capital cultural dominante, é vista numa interação dialética mais ampla. Apoiada em Giroux (1981, 1983), considera a importância da discussão do conceito de resistência, para a construção de uma pedagogia crítica e transformadora, mas ressalta que há formas de resistência que servem à dominação. Afirma que se constituem em saberes necessários para que se desenvolvam

estratégias para uma pedagogia voltada às necessidades das classes subordinadas. Miriam Krasilchik, em *O professor de prática de ensino – um edificador de pontes* considera-o um marginal que constrói conexões diversas para executar bem suas funções de sintetizador. Precisa traduzir a ciência do ensino para poder escolher o conteúdo e distribuir a matéria a ser ensinada; estabelecer ponte entre a sua e as demais disciplinas pedagógicas; atender aos alunos nas suas necessidades de formação integral; demonstrar proficiência no estudo da educação e do ensino da sua disciplina, da sua competência de pesquisador que analisa a escola, o aluno, o sistema educacional e o processo de ensino e aprendizagem e abrir um caminho de mão dupla com as escolas de 1º e 2º graus. A autora discorre sobre cada tópico, mas é o compromisso com o ensino que determina o seu envolvimento no trabalho de construir caminhos.

Nádia Dumara Ruiz Silveira, em *Abrindo parênteses: os fundamentos da educação e a docência no ensino superior*, através de um relato da sua trajetória profissional, recorre à memória e ressalta os desafios marcados pela busca de conhecimentos da sociedade e, particularmente, da função social da educação. Enfatiza a importância da concepção de professor-estudante e de professor-pesquisador. Sobre a complexidade do processo de ensino e aprendizagem, quer sob o ponto de vista das suas etapas ou das funções requeridas do ato de aprender, afirma que deveria se constituir em objeto constante de estudo para dar respostas aos desafios da sala de aula. Por fim, apresenta como impasse a questão da troca, do trabalho interdisciplinar, que deveria ser uma constante, principalmente na Universidade (FAZENDA, 1979). Salienta a importância do trabalho do professor e do seu reconhecimento pelas instâncias de poder político e civil da sociedade, assim como por ele próprio. Diz respeito ao profissional de educação em geral, pois dependem da sua categoria as conquistas que possibilitarão um redimensionamento do seu papel na sociedade. Acredita que, através da análise histórico-dialética, será possível uma prática docente de ensino superior que possibilite às disciplinas de fundamentos da educação, revelar a importância da conotação política do trabalho acadêmico do educador

Nilson José Machado em *Matemática: senso comum e desamparo*, ao atuar como professor na escola básica e na universidade, afirma ser a rede de noções preconcebidas e frequentemente preconceituosas que provém do senso comum e distorcem ou escondem a visão dos problemas nucleares da matemática, o maior obstáculo com que se deparou. Indica que há necessidade de se romper essa rede para que possamos divisar as razões relevantes que justificam sua presença nos currículos escolares em todos os países do mundo. O primeiro passo que julga relevante é a transformação no nível das concepções, ao invés de tratar os conteúdos matemáticos de forma técnica como assuntos isolados, buscar qual a função que a matemática deve desempenhar no currículo e na vida das pessoas em geral. Explica o desamparo como uma postura de resignação, ao imaginar ser impossível encontrar uma saída, como se o obstáculo fosse intransponível. Oferece exemplos e explicações. Propõe o recurso à história do desenvolvimento das idéias, dos conceitos, do modo de produção do conhecimento matemático, com fundamentação filosófica. Salienta a importância da crítica radical de pressupostos preconceituosos e que a formação do professor deve prepará-lo para a consciência crítica.

Rosilda Baron Martins, em *Extensão universitária: uma modalidade de estágio curricular* reflete sobre as funções básicas da universidade que são o ensino, a pesquisa e a extensão. Esta última constitui-se no elemento de ligação entre o ensino superior e a sociedade em que se insere, para que ocorra a mútua aprendizagem. Destaca a participação e um certo grau de confiança para esse vínculo, que se processe na vivência do dia-a-dia. Relata que a Universidade Estadual de Ponta Grossa, nessa perspectiva, volta-se para a prestação de serviços à comunidade, sob a forma de estágio, o que possibilita um contato mais efetivo com a realidade sócio-econômico-cultural da área de abrangência geo-educacional da instituição. A autora relata sua atuação na extensão rural universitária como professora-orientadora de estágio e afirma que o enfoque do trabalho está centrado no homem rural, pela certeza de que a universidade só cumprirá seus objetivos extensionistas, por intermédio de uma relação de igualdade com o meio rural, que implica em respeitar a cultura que o caracteriza e estabelecer um movimento real de ser e estar na comunidade.

Sonia Teresinha de Sousa Penin, em *A prática de ensino da disciplina didática nos cursos de licenciatura da FEUSP: considerações sobre uma vivência*, através de um discurso vivo, que inclui a emoção e a afeição, tem como base sua compreensão da educação, do ensino, da escola e da sociedade como um todo. Considera sua prática docente algo socialmente construído, resultado das diversas circunstâncias e relações sociais que vive na sala de aula, na faculdade, em associações e em parceria com autores que lê. Conceitua didática e entende que, ela deve ampliar a questão do ensino numa totalização. No âmbito da licenciatura a vê como área de interseção e ponto de imbricação com as diversas disciplinas que compõem os cursos. Parte do pressuposto que todo curso de licenciatura deveria voltar-

se ao ensino que se processa na realidade escolar de primeiro e segundo graus.

Em relação aos encontros e desencontros entre a didática e a prática de ensino, observa que a primeira tem como foco o ensino e a outra, o ensino específico das disciplinas. O foco da primeira se diversifica com outras “coisas”, desloca-se para a “situação” do ensino, inclui o espaço da aula e da escola. Reveste-se de um caráter de disciplina-síntese. A tarefa do professor de didática é a de facilitar para o aluno a articulação dos conhecimentos que possui sobre o ensino, possibilitar que explicita sua síntese, através de uma proposta educacional que considere o caráter político pedagógico de uma dada disciplina, ou seja, a coerência entre valores pessoais, posições políticas e decisões de ensino. Tem proposto o estudo exploratório de uma escola, de preferência escola pública de periferia, com esse objetivo. Preocupados com essas questões, professores de Didática e Prática de Ensino decidiram integrar o trabalho e organizaram o departamento com uma nova divisão interna. Acredita que a melhoria da qualidade de ensino no terceiro grau virá do trabalho coletivo, ao envolverem professores e alunos.

Teresa Jussara Luporini, em Uma prática de ensino em transição, aborda duas questões tiradas da sua experiência como professora do 3º grau: a trajetória da prática de ensino de História e as dificuldades inerentes ao estágio supervisionado no curso noturno de licenciatura. Sobre a primeira problemática faz uma retrospectiva histórica das mudanças ocorridas na área, desde a década de 70. Atualmente, a prática de ensino está direcionada a um novo objetivo, passa a questionar o tipo de formação que a política educacional oficial orienta até as condições de trabalho que impõe. Também ultrapassa os limites de um saber sobre fatos e datas, busca desenvolver no adolescente a capacidade de exame de natureza histórica, propõe ainda experiências de ensino-pesquisa, que possibilita a produção do conhecimento, ao relacionar-se criticamente com o saber já produzido, desafiado a produzir novo saber, ao analisar, organizar e transmitir.

Quanto ao estágio supervisionado para os alunos do curso noturno, afirma que oferece pouco em termos de uma vivência profissional significativa, por falta de disponibilidade de tempo do aluno, na atual conjuntura econômica, que o obriga a trabalhar durante o dia.

Finaliza que o curso de História na UEPG volta-se para a formação do profissional que atuará tanto como pesquisador, como professor. Convidam o profissional que atua na rede estadual de ensino para participar de seminários, para ampliar o campo de discussão ao mesmo tempo que efetiva um relacionamento horizontal entre os três graus de ensino.

Terezinha Azerêdo Rios, em A exploração do possível – ponto de partida para o desejável, traz o desafio de manter a qualidade dos cursos noturnos e, ao mesmo tempo, chegar mais perto da realidade do aluno e atender suas necessidades. Organizou estratégias para transpor os obstáculos e resolveu centrar o trabalho em sala de aula. Sua palavra de explicação e síntese era o elemento nuclear, articulada com as atividades propostas aos alunos, ao exporem seus comentários feitos a partir de leituras de textos curtos. Em paralelo, propôs que fizessem a “resenha crítica” de um livro que compunha a bibliografia complementar à básica, a ser finalizada no prazo de três meses. Apesar de contratempos, possui agora uma bibliografia resenhada que auxilia os alunos na escolha de material para leitura e utilização em trabalhos. Afirma que não pretende passar receita, mas reflete em relação ao trabalho do professor e da instituição, situação análoga à escola e sociedade.

Declara que não se pode ficar num otimismo ingênuo e acreditar que basta fazer o nosso trabalho bem feito para mudar estruturalmente a sociedade ou num pessimismo também ingênuo, que é preciso primeiro mudar a estrutura para depois o nosso trabalho na escola. O que a orientou nesse trabalho foi a articulação dialética entre escola e sociedade, e que “é das condições que temos que partimos para ter o que queremos”. “Partimos”. Já indicamos o começo da caminhada. Descobrimos o possível no real, é preciso conhecê-lo e explorá-lo, é a busca do ideal que desejamos e temos necessidade.

Nesse sentido, este livro-caderno reúne autores-professores que voltam o olhar para suas experiências docentes, apuram a sensibilidade para identificar o caráter inovador que apresentam e o seu processo de elaboração, mesmo reprimidos pela organização inadequada dos cursos ou ainda frente às tantas necessidades dos alunos-parceiros. Percebem a relação entre didática e prática de ensino, suas aproximações e distanciamentos nos movimentos da educação. Oferecem-nos suas análises e suas intenções de aproximação das modalidades e níveis de ensino, da educação básica ao ensino superior, que são possibilitadas pelo potencial do estágio supervisionado, que se desenvolve e põe face a face, teoria e prática, na busca de integrá-las através da interação das pessoas. Denunciam erros, revelam acertos e novas intencionalidades para a educação e para a sociedade, nascidas nas salas de aulas e nas instituições escolares, através dos sentidos do “SER- professor”.